



Contemporânea

Contemporary Journal

Vol. 5 Nº. 4: p. 01-27, 2025

ISSN: 2447-0961

Artigo

DO RASTRO AO RUMO: MIGRAÇÃO, FLUXOS E SERTÃO TRANSBIOMÁTICO

FROM THE TRACK TO WAY: MIGRATION, FLOWS, AND THE TRANSBIOMATIC BACKWOODS

DEL RASTRO AL CAMINO: MIGRACIONES, FLUJOS Y EL SERTÓN TRANSBIOMÁTICO

DOI: 10.56083/RCV5N4-090

Receipt of originals: 3/28/2025

Acceptance for publication: 4/18/2025

Elinaldo Meira

Doutor em Artes pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (IA - UNICAMP)

Instituição: Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás (FAV - UFG)

Endereço: Goiânia, Goiás, Brasil

E-mail: meira_meira@ufg.br

RESUMO: Este artigo é um relato sobre migração e crise. Relata a migração do autor que, após mais de quatro décadas no estado de São Paulo, desloca-se para Goiânia ao assumir o cargo como professor efetivo no curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás (UFG). Busca-se compreender como questões identitárias emergem nesse percurso, evidenciando dinâmicas de pertencimento associadas às culturas vivenciadas em São Paulo, à origem baiana nordestina e aos impactos dessas referências na constituição de um “eu” migrante. Trata-se de uma abordagem autoetnográfica, fundamentada em reflexões teóricas de Stuart Hall (2006), na acepção de corpo como lugar-mundo de Edward S. Casey (2001a) e no repertório vivenciado enquanto paciente da esquizoanálise de Deleuze e Guattari, somadas, ainda, a experiências artísticas e à criação da disciplina “Sertanias” e do grupo de pesquisa homônimo. Diz, também, daquilo que se denomina crise *geo-identitária*, entendida não como obstáculo, mas como potência criativa que se manifesta tanto na pesquisa acadêmica, quanto na prática artística. Conclui que o corpo, ao deslocar-se entre diversos territórios e ecologias agrega camadas de sentido e constrói identidades híbridas, e toma a noção de sertão como uma experiência *transbiomática*.



Crê-se que o estudo possa contribuir para o debate sobre migração, pertencimento, criação artística, e sugere-se que o sertão possa ser vivido e concebido desde diferentes intersecções poética, política, ética, afetivas.

PALAVRAS-CHAVE: migração, autoetnografia, crise geo-identitária, identidades híbridas, sertão.

ABSTRACT: This article deals with issues related to migration and identity crisis. It is a personal account of the migration of the author, who, after living for more than forty years in the state of São Paulo, moved to Goiânia to take up a position as a permanent professor in the Visual Arts course at the Federal University of Goiás (UFG). The aim of this text is to investigate how questions of identity arise during this migratory process, highlighting the relationships of belonging associated with the cultures experienced in São Paulo, the Northeastern origins (Bahia) and the impact of these references on the construction of a migrant "self". The approach used is autoethnography, based on the theoretical reflections on identity proposed by Stuart Hall (2006), Edward S. Casey's concept of the body as a world-place (2001a) and the author's personal experiences as a patient of schizoanalysis, based on Deleuze and Guattari. The concept of geo-identity crisis is explored not as an obstacle, but as a creative opportunity that influences both artistic practice and academic research. The conclusion is that the body, as it transits through different territories and ecologies, acquires multiple layers of meaning and constructs hybrid identities. In this sense, the notion of the sertão is proposed as an experience that crosses different biomes and contexts. This study aims to contribute to discussions on migration, belonging and artistic creation, suggesting that the *sertão* (backwoods) can be understood and experienced through various poetic, political, ethical and affective intersections.

KEYWORDS: migration, autoethnography, geo-identity crisis, hybrid identities, backwoods.

RESUMEN: Este artículo aborda cuestiones relacionadas con la migración y la crisis de identidad. El autor, que ha vivido más de cuarenta años en el estado de São Paulo, relata su experiencia al migrar a Goiânia para ocupar un puesto de profesora titular en el curso de Artes Visuales de la Universidad Federal de Goiás (UFG). El objetivo es investigar cómo surgen las cuestiones de identidad durante este proceso migratorio, destacando las relaciones de pertenencia asociadas a las culturas vividas en São Paulo, los orígenes nordestinos (Bahía) y el impacto de estas referencias en la construcción de un «yo» migrante. El enfoque utilizado es la autoetnografía, basada en las reflexiones teóricas sobre la identidad propuestas por Stuart Hall (2006), el concepto de Edward S. Casey del cuerpo como mundo-lugar (2001a) y las



experiências pessoais de la autora como paciente de esquizoanálisis, basadas en Deleuze y Guattari. El concepto de crisis geoidentitaria se explora no como un obstáculo, sino como una oportunidad creativa que influye tanto en la práctica artística como en la investigación académica. En conclusión, se afirma que el cuerpo, al transitar por diferentes territorios y ecologías, adquiere múltiples capas de significado y construye identidades híbridas. En este sentido, se propone la noción de sertón como una experiencia que atraviesa diferentes biomas y contextos. Este estudio pretende contribuir a los debates sobre migración, pertenencia y creación artística, sugiriendo que el sertão puede entenderse y experimentarse a través de diversas intersecciones poéticas, políticas, éticas y afectivas.

PALABRAS CLAVE: migración, autoetnografía, crisis geoidentitaria, identidades híbridas, sertón.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

1. Rastros e Rumos: Partidas e Travessias

Esta introdução trata do início do percurso a ser narrado, da migração e da fluidez da identidade ao longo das experiências de deslocamentos e pertencimentos. O "rastro" diz das marcas deixadas nos territórios e na subjetividade, enquanto o "rumo" indica novas direções que se abrem.

Em fins do ano de 2020, quando poucas certezas tínhamos sobre os avanços do controle da pandemia de Covid-19, a Profa. Regina Maura Rezende, amiga de muitas jornadas educacionais, me enviou o texto da chamada para o edital da Universidade Federal de Goiás que tratava da seleção de docentes efetivos para o curso de Artes Visuais. Iniciava-se, neste contexto, um exercício pessoal de mobilização que me levaria para Goiânia, deixando a cidade de São Paulo, o estado de São Paulo, depois de mais de quatro décadas. Naquele contexto, os temores se mesclavam: sair de casa requeria uma enormidade de cuidados; a opção foi seguir de carro. Deixar a cidade de São Paulo, embora fosse um desejo vago, diante da possibilidade,



acenava-se como uma mudança provocativa, embora o estado de Goiás não fosse sequer um dia pensado como um rumo a seguir, exceto como percurso de passagem em viagens destinadas ao interior da Bahia. De Goiás, tinha algumas poucas amigas; uma delas, da área da música, que vivia pelo mundo europeu, e que em 2003 havia conhecido no primeiro e único seminário caipira organizado pelo Instituto de Artes da Unicamp, o Seminário Caipira, organizado pelo professor e violeiro Ivan Vilela; havia a amiga Cintia da cidade de Jataí, no sudoeste de Goiás; as outras, coleguismo e amizade feitas no mundo do trabalho docente, que me encantavam pelos sotaques, pelo jeito próprio de ser caipira *do Goiás*, de dizer que a pamonha na cidade de São Paulo era horrível, que parece que faltava tempero na comida...

Em 25 de janeiro de 2021, tomei posse da vaga como professor efetivo na UFG. A data marca o aniversário da cidade de São Paulo; em Goiânia, não era feriado. Marcava a relação com a instituição de ensino superior onde antes atuava, a Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação; marcava a relação pessoal com a cidade, com o percurso formativo nas universidades e escolas públicas estaduais, com o solo no qual habitei desde a migração da família do sudoeste baiano para Osasco. Estar em São Paulo, crescer na periferia da zona norte de Osasco, migrar para Assis para os primeiros estudos universitários, me aproximou da cultura caipira com naturalidade. O fato é que já me relacionava com ela desde a vizinhança nos bairros osasquenses nos quais morei, com os programas de rádio ouvidos então, especialmente o Programa Zé Bettio, e tantos outros que meu pai ligava pela madrugada antes de sair para o trabalho e saber das "horas certas", dadas minuto a minuto; preenchia ainda esta vivência os discos tocados à vitrola, sejam em casa, sejam pela vizinhança; o primo baiano de meu pai, casado com uma ítala-caipira de sobrenome Carossi, que era de Echaporã, cidade que vim conhecer ao acaso, quando estudante no interior paulista, em meio de caminho numa carona entre Assis e Marília, tocava em alto som a discoteca de duplas de irmãos cantadores caipiras e tantos outros. Dentre



estas duplas de irmãos, pude conhecer os da família Jacó, que vieram a formar as tantas duplas Jacó e Jacozinho, e o compositor dos primeiros sucessos em disco destes irmãos, o senhor Dito Piracaia, que veio a se tornar o ponto de partida para o meu batismo estudantil caipira em um projeto de pesquisa de iniciação científica na área de Letras, orientado pelo Prof. José Carlos Zamboni. Anos mais tarde, o Prof. Zamboni integrou, como avaliador, a minha banca de doutorado na área de Artes, realizada na Unicamp, quando fui estudar a poética visual da Festa do Divino da cidade de Piracicaba. Esta breve descrição explicita uma série de chaves que foram utilizadas para as leituras nos anos que se seguiram para os estudos sobre cultura caipira, vivência caipira, percepção como pessoa caipira, e que, movido por algumas paixões, ofuscaram outras percepções críticas sobre tudo isto. Mesclou-se, enquanto me movia na compreensão do ser caipira, o fato originário do migrante baiano, que se reconhecia nordestino em meio às configurações a que tinha acesso, entender-me baiano nordestino e provindo de um lugar-sertão ao nordeste. Com a família, somos destinados a São Paulo quando eu tinha cerca de três anos de idade para habitar uma casa ao redor de outras casas de famílias migrantes: eram parentes diretos ou conterrâneos; vizinhos migrantes caipiras paulistas, mineiros e norte-paranaenses, e ainda de descendentes de imigrantes italianos e portugueses.

Em 2000, em parceria com amigas e amigos universitários, enquanto cursava o mestrado em Letras na Universidade Estadual Paulista, no câmpus de Assis, inventei Aboios, impulsionado por uma miscelânea, ou quiçá um turbilhão caótico de leituras das obras de Mário de Andrade (1976), Ariano Suassuna (2004), Amadeu Amaral (1976), Nestor Canclini (2008), Mikhail Bakhtin (2017), Alfredo Bosi (1996), Paul Zumthor (1993), Silviano Santiago (2000), Antonio Candido (1994), Antonio Augusto Arantes (1984), Carlos Rodrigues Brandão (1974, 1980, 1984), Jacques Le Goff (1990), Waldenyr Caldas (1977), Romildo Sant'Anna (2000), Marcos e Maria Ignez Ayala (1987). A obra **A pedra do reino** de Suassuna ocorreu-me como uma



bomba estética! Aquele jovem em busca de uma pertença, em diáspora do ser ou não ser, aquele caldo passava, e cabe a imagem, pelo buraco do porta-coador (ou porta-filtro) de café sem o papel Melitta. Aboios, aquela ação cultural que tinha em sua estrutura a música como centro, somado a uma versão de auto-de-boi, com um conjunto de burrinhas estilizadas feitas em papelão, pintadas e decoradas, compunha o que, ousadamente na época, chamei de um evento armorial-caipira. Há certos paradoxos louváveis quando jovens! A figura de meu orientador de mestrado à época, embora um estudioso da cultura caipira e leitor de Suassuna, não impunha adestrar, ao menos um tantinho, a burrinha dos pensamentos. A parte musical foi dirigida pelo amigo, historiador e violeiro Nelson Martins Sanches Junior, falecido poucos anos depois.

A relação de empatia que deixa de ser crítica com a cultura caipira, as paixões que temas culturais e regionais despertam e que, por vezes, embaçam outras perspectivas, as prioridades de sobrevivência acadêmico-profissional as quais exigem desvios a reflexões iniciadas, o despertar de outros interesses temáticos, a percepção ante a produtos, sejam acadêmicos, sejam artísticos, em que se reiteram questões da salvaguarda sobre a cultura de outrem, demonstrando um determinado esgotamento criativo, em conjunto, avalio que tanto me encaminharam para um afastamento quanto para a naturalização de uma abordagem consistente nos últimos anos, desde a defesa do doutorado em Artes realizado na Unicamp, quando tratei da poética da Festa do Divino. Naquele estudo, tenho a crer como positivo, se ensaiou o afastamento das categorias conceituais como aquelas que pudessem definir o que é cultura caipira, para se experimentar o que é ser, vivenciar (valeria um neologismo: viven-ser) a poética da festa no gesto da festa, na poética da presença. A leitura de Paul Zumthor (1993), desde os tempos de mestrado, a qual recorro ainda hoje, destaca que esta noção de performance, à qual associo a esta poética da presença, se dá além do texto escrito, ou àquilo que, no caso particular de uma tese, pudesse



transpor para a leitura. Mas também observo que ambas as linguagens podem coabitar a experiência criativa.

2. Crise Geoidentitária: Corpo em Trânsito e Fronteira

Neste tópico a ideia de crise é tomada como potência de resignificação, e o corpo se torna mediador entre lugar e identidade. A fronteira é mais do que um limite; é um entrelugar de passagem, invenção e experimentação.

Não sei até que ponto dizer de uma crise *geo-identitária* que me acomete desde o estabelecimento como docente na Universidade Federal de Goiás é o que conduz esta escrita em sua totalidade. De modo, talvez menos relacional, mais uma vez sou migrante. Há muito não é mais o menino de 3 anos; aos 50, ao viver o trânsito São Paulo-Goiás realizado em 2021, confirmo esta condição percebida e vivenciada na maturidade com respeito às narrativas, aos acréscimos e revisões que ocorrem. Migrar solicita ou impõe o deslocar. E isto, percebido entre identidade deslocada da condição de identidade cultural para a posição de identidade individual, aciona a percepção de fronteiras. Não se trata de acreditar em estados absolutos entre os lados da fronteira identitária, mas de reconhecer o quão estranha pode ser a percepção da identidade quando vivida a sós. De Stuart Hall temos ainda:

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias e não resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais 'lá fora', e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as 'necessidades' objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se provisório e problemático. (Hall, 2006, p. 12)



Voltarei ao que nomeei como crise geo-identitária. Não se trata de uma percepção recente, porém, estando à parte dos territórios conhecidos, das paisagens consolidadas, das estruturas dos discursos que tomamos por nossos, das relações socioafetivas, acentuam-se as tensões e as incertezas que permeiam a experiência migratória. Stuart Hall (Hall, 2006, p. 12) analisa isto como tensão entre identidades contraditórias e não resolvidas. A pergunta “o que é ser migrante?” questiona acerca das implicações subjetivas e territoriais que surgem deste processo, revelando que, embora a migração possa ser vivida em diferentes estruturas espaço-temporais, ela compartilha uma essência comum e que ressoa na formação da identidade com e dentre o novo território. O deslocamento São Paulo - Goiás representa não apenas uma mudança geográfica, em conjunto, é transição cultural e afetiva. Vale, ademais, refletir: o deslocamento, especialmente quando não é coercitivo, apresenta eixos positivos: por que não aceitar a fluidez identitária? A experiência migratória desafia noções tradicionais de pertencimento e identidade; migrar implica em agenciamentos contínuos, em fluxos também contínuos, e na consciência de que o tempo é o agente revelador de tais aspectos.

Parágrafos anteriores contextualizei acerca da relação consolidada com a cultura caipira. Ao estudá-la me deparei por volta de 2011 com o fato de que ao estudar a cultura do outro, havia lateralizado a cultura originária familiar. Isto não se dava enquanto negação, antes por sobreposição de interesses despertados e pulsantes com a cultura caipira: vivência no estado de São Paulo, afetos, aproximação com a produção musical, uma certa crença de que a grande questão era a noção de cultura popular independente do contexto ou gênese. O que descrevi sobre a ação artística Aboios realizada durante o mestrado em Assis continha em seus paradoxos o princípio de uma idealizada leitura sobre o que poderia ser uma cultura popular em/de entrelugares. Em 2011 ocorreu o convite para atuar como avaliador de cursos superiores junto ao Conselho Estadual de Educação de Alagoas. Em



minha projeção da região Nordeste por aquela ocasião não se distinguia variáveis; carregava comigo uma visualidade forjada a imagens de cinema, telejornais, novelas e lembranças da última viagem que fizera com a família aos 12 anos de idade. Ao chegar em Alagoas, esta miscelânea visual viu-se em conflito, na experiência da fragmentação, o que Hall chama a atenção, ao observar que “identidades, que compunham as paisagens sociais ‘lá fora’, e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as ‘necessidades’ objetivas da cultura”, as quais, no caso, produziam empatia por reminiscências e uma dupla sensação de um ser/estar entre, ou na, vivência de algo híbrido e homogêneo.

Pensei, então, no decorrer deste segmento da reflexão apelar mais uma vez a Hall (Hall, 2006, p. 75), e buscar estabelecer consonância com o que denomina *mercado global de estilos* para tratar da sensação de que, à primeira vista, a paisagem que se evidenciava “naquele nordeste”, em Arapiraca, no contexto urbano onde me localizava, se assemelhava aos centros, ou bairros mais populosos das cidades como Carapicuíba, Barueri, Cotia, Suzano, Francisco Morato, Caieiras, da própria Osasco onde fui criado, cidades da região metropolitana de São Paulo, e por isto era estranho. Reforçaria neste sentido a ideia de que aquilo não era o que eu sabia. Preconceito ou ingenuidade? Saudosismo, melancolia ou negação da historicidade? O despertar da paisagem real revela complexidades que nem sempre dialogam com as paisagens cristalizadas; essas paisagens em disputa, tanto podem suscitar reflexões críticas, elucidativas, conflitivas, quanto podem, na pauta dos preconceitos, reforçar a negação da capacidade de mobilidade, de invenção, de desconstrução, da desestruturação de repertórios ou modelos estéticos de quem estava à sudeste do país imaginara, ouvira, fora conformado a crer.

A célebre frase de Riobaldo em *Grande Sertão: veredas* (Rosa, 1986, p. 293) sugere pensar: “O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta”. Foram



tais fluxos que possibilitaram o acesso a outras paisagens, tanto quanto à desconstrução das idealizadas; esses fluxos foram possibilitados em dois momentos distintos: pelas presenças do Sr. Cláudio Régis, motorista que levou a equipe à qual me integrava como avaliador, e pela profa. Rosa de Lima Medeiros Neta. O Senhor Régis, porta-voz cantante dos dias que se seguiram pelas estradas alagoanas, entre causos e as canções dentro do carro, expressava-se em pensamentos próprios sobre a vida social, ora regados a poesia, ora por preceitos patriarcais. Não se deixava vencer; não havendo consenso entre os presentes no veículo, mudava a faixa em execução no som do carro. Por vezes soltava a frase-sentença de que tínhamos de ter respostas para certas coisas, afinal, ficamos por anos alisando bancos de faculdade, enquanto ele os das boleias de caminhão. Com a geógrafa, Profa. Rosa de Lima Medeiros, em viagens menos coletivas do que as realizadas com a guiação do Sr. Régis, foi possível acessar não só Alagoas; ao lado desta amiga, leitora da obra de Foucault, sertaneja potiguar-seridoense, e sobretudo, leitora dos próprios territórios, deu-se o meu espanto com os cheiros do lugar, a textura quente da terra e das pedras, o sabor da água, da cachaça Samanaú, do alimento sertanejo, das serras, das feiras, dos lugares de fé e dúvida, da poética da seca e da chuva. Transcendência sertânica a nordeste! Destas vivências de reconhecimento me ocorrem os versos de Alberto Caieiro de o *Guardador de rebanhos*:

Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e para a esquerda,
E de vez em quando olhando para trás...
E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
E eu sei dar por isso muito bem...
Sei ter o pasmo comigo
Que tem uma criança se, ao nascer,
Reparasse que nascera deveras...
Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do mundo



Do saber sem o ser; do ouvir sem o saber; do ver sem o sentir, fui questionado e reposicionado durante os primeiros quatro anos de imersão nos sertões, entre 2011 e 2015. Esses anos me tornaram consciente da integração entre a pessoa nordestina e a pessoa caipira; *geosubjetividade* emergida das relações com os territórios como um processo em fluxo. Habitava São Paulo, e houve um tempo em que ganhava determinada forma, a forma de perceber as complementaridades que se equilibravam nas cartografias e na invenção de novas memórias. Com o São Paulo caipira que percorri de 1993 a 2014 por estradas, paisagens, vida social, musicalidades, festas, afetos, língua, culinária, estudos em Artes e em Literatura, o assumira como parte própria. D'outra parte aprendia a ler a paisagem dos sertões nordestinos dentro de um contexto histórico distinto daquele de onde minha família saíra em 1977 rumo a São Paulo, e diverso também do distrito de Catingal, de onde meu povo é. Anos depois, a leitura da obra de Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2011) abalaria ideias como herança regional, nordestinidade e sertanidade.

3. Mapas, Sertões e Paisagens Inventadas

Nesta etapa problematiza-se a experiência migratória e os mapas afetivos que atravessam o sujeito. O sertão é pensado enquanto conceito expandido, que se inventa, se reinventa, longe de essencialismos e regionalismos fixados.

A experiência do migrante é marcada pela tensão entre o enraizamento e a deslocalização, produzindo novas formas de pertencimento que dialogam com a memória e com o cotidiano, nem sempre em equilíbrio. No dia 25 de janeiro de 2021, estabeleci-me em Goiânia. Aqui há gente de todo o Brasil; aqui é oeste, aqui é ao centro. Dou-me conta de que, desde 1993, sigo para o oeste quando saí de casa para estudar em Assis, a oeste paulista, seguindo



pelos trilhos da velha estrada de ferro da Sorocabana. Mapas sempre me fascinaram.

Quando menino, se conseguia algum dinheiro, comprava mapas; ia para a rodoviária do Tietê e tomava nota das cidades para onde seguiriam os destinos das empresas de ônibus. Em casa, buscava cada um desses lugares. Perguntava ao pai qual tinha sido o caminho de Jequié até São Paulo, feito de ônibus pela empresa São Geraldo, com a qual ele havia viajado antes de nós (mãe e irmão). Goiás não existia neste meu mapa São Paulo - Jequié. Por aquela época, um tantinho me chegava nas menções que a professora de geografia havia dito que Brasília fora construída com terras de Goiás, e que o Anhanguera tinha encontrado tesouros no oeste, numa tal Goiás Velho, onde lá morava uma poetisa de nome Cora Coralina, que me parecia muito sonoro. Goiás era, então, o lugar das histórias de longe. Ao morar em Goiás comecei a elencar o que acreditava não saber. Quando da realização do projeto Aboios em 2000, a amiga Cintia Carvalho me dissera ser de Jataí; creio ter sido a primeira pessoa goiana de convívio próximo. Anos depois, quando estudei a Festa do Divino de Piracicaba por ocasião do doutorado, tomei conhecimento das festas realizadas em Pirenópolis; em 2005 visitei as festividades do evento V Semana do Folclore, as quais ocorreram entre o Instituto do Trópico Semi-úmido (ITS)/Memorial do Cerrado e o Centro Cultural Jesco Puttkamer, como sugestão da amiga Andréa Teixeira. Em algum tempo, entre 2001 e 2010, em Ribeirão Preto, comprei um CD piratado com a cópia do disco *Trova, prosa e viola*: neste tempo conheci os causos de Geraldinho Nogueira, as modas de André e Andrade, apresentados por Hamilton Carneiro. Em Bebedouro, onde lecionei no interior paulista, o recepcionista do hotel onde fazia as estadias, dizia que o povo goiano era aseado, de que não havia peças de alumínio tão bonitas, feito espelhos de tão areadas. Que Amado Batista era de Catalão, cantor que meu povo gostava de ouvir. De Goiás sabia das duplas e composições da cultura de massa romântica sertaneja, mas também sabia dos estudos de Carlos



Rodrigues Brandão. Nas festividades do Memorial do Cerrado me fascinei com os causos contados por alguém que em muito me lembrava Geraldinho, era João Nogueira, filho deste mestre. Numa das idas à Bahia, creio que em 2018, querendo percorrer outros caminhos que não os conhecido por Minas Gerais, optei por passar pela cidade de Goiás: ingenuamente botei um pequi inteiro na boca e o mastiguei; o desejado prazer culinário tornou-se um pequeno suplício. Duas primeiras sínteses goianas: pequi se rói; pequi se diz *piqui*. Com as amigas Jane Pereira e Kelci Pereira, migradas do estado de São Paulo para a Chapada dos Veadeiros, numa tentativa de realizar um documentário sobre o calçamento que ocorreria na Vila de São Jorge, soube do povo calunga, e que Cavalcante era a terceira cidade com maior número de habitantes quilombolas do Brasil.

Fiz uso destes preâmbulos para poder chegar a Goiás. Escrevo a partir de Goiânia, de onde rememoro paisagens anteriores ao meu estabelecimento como residente nesta capital. Em São Paulo me sabia caipira, me sabia baiano; me sabia da periferia da zona norte de Osasco; me sabia um pedacinho a oeste paulista, me soube nordestino, paulistano. E foi no sentir dos cerrados goianos, no cotidiano docente na Universidade Federal de Goiás no ensinamento de Artes Visuais e na atuação no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, pouco-a-pouco, me ocorreu ofertar a disciplina Sertanias, e com ela estabelecer diálogos, os quais, em conjunto, eram as minhas necessidades de, depois de anos da escuta da palavra sertão, seja pelas razões caipiras ou nordestinas, ir ao encontro de vozes que pudessem diversificar o debate daquilo que pensara compreender.

Chamamos de disciplina um conteúdo programado que é desenvolvido no decorrer de um semestre letivo como parte das atividades de um curso de formação. Sertanias não divergia desta ordem, exceto pelas particularidades: cada aula, era denominada aula-proseio. *Proseio* vem de prosear, que é conversar, contar algo, dividir uma experiência narrativa. Aos encontros deu-se o nome de sertania. A disciplina, portanto, formou-se



destas sertanias, e a cada sertania havia uma ou duas vozes convidadas para dizer de experiências com/sobre o sertão, isto dentro do contexto da disciplina regular do PPGACV, daí a acepção enquanto aula, *aula-proseio*.

Sertanias nasceu dentro do mesmo contexto de outras iniciativas, como a criação do grupo de pesquisa cadastro no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, também intitulado Sertanias com o acréscimo do subtítulo “poéticas do sertão”. Essa perspectiva das poéticas ocorre desde minha vinculação à Linha B do PPGACV. Enquanto artista visual, interesse-me pelos processos de criação associadas ao fazer artístico, ao pensamento criativo, bem como às relações que se estabelecem com objetos de pesquisa cujos desdobramentos perpassam pela fotografia, cartas, e mais recentemente o lugar-corpo-sertão.

Afastar-me dos territórios consolidados como São Paulo nas extensões capital e interior, ou das experiências com a região Nordeste, provocou-me a esta reflexão. Passo, então, a questionar minha posição: a quem pertencço hoje enquanto corpo situado em outro lugar? Como direcionar as atuais reflexões neste contexto novo e, por vezes, marcado por certo estranhamento? Reside nisto, e que chamo de crise, a sensação de perda da identidade estruturada, e me parece seguir neste sentido: a entender o território goiano, ao mesmo tempo, reavaliar as identidades antes consolidadas num percurso de distanciamento. O território promove certa segurança e quando nos vemos fora dele, somos impulsionados a perguntas como quem sou eu à distância? Ao chegar a este novo lugar constatei que, embora tivesse sobre o território referências intelectuais, não o havia corporificado. Minha relação era mais teórica do que vivencial.

O interessante artigo de Edward S. Casey (2001a, p. 688), *Between geography and philosophy: what does it mean to be in the place-world?*, pauta a questão do corpo como mediador entre lugar e identidade. Em Casey sugere-se que é o corpo que vivencia, anima e torna o lugar efetivo. Emprega conceitos de “entrada” e “saída” para explicar como o corpo se constitui



lugar-mundo. Na *saída* (*outgoing*), “o corpo vivido encontra o mundo-lugar indo ao seu encontro. Ele faz isso de inúmeras formas, incluindo formas altamente diferenciadas e culturalmente carregadas, como a identidade racial, de classe, de gênero (...)” (Casey, 2001a, p. 688 - tradução nossa). Na *entrada* (*incoming*) “o corpo não apenas sai para alcançar lugares; ele também carrega os rastros dos lugares que conheceu. Esses rastros são continuamente depositados no corpo (...)” (Casey, 2001a, p. 688 - tradução nossa).

Meu corpo, em relação ao novo território, carrega rastros e rastros dos lugares anteriores, e o percebo fazendo-se parte deste lugar-Goiás. Essa percepção reforça a ideia de que cada novo território não exclui o anterior; confluem-se. E aqui me pergunto: o que sou agora neste lugar? Por que, ou para quem verbalizo, o que sinto? É fato: as inseguranças da perda ou da transmutação de identidade deságuam para a crise, tanto como abastecem as veredas descobertas. É deste entrelugar dinâmico — da crise desejanste ou não — emergem os fluxos dos anos marcados por minha experiência como paciente da esquizoanálise. É o devir cultura caipira, é o devir nordestinidade, o devir paulistanidade, o proto-devir identidade periférica. Diante do impacto e do diálogo com o Cerrado — rizomático desde o solo — , produzem-se sentidos neste cruzar de experiências, afetos e territórios. Disto reavivou-se o sertão e suas sertanias, devir e experiênciação, território de atravessamentos, metáfora viva, memórias e possibilidade; um também entrelugar onde as fronteiras não são rígidas, não são apenas caipiras, ou paulistanas, ou periféricas; são zonas de intensidade, trocas e transformações. Pensar sertão requer pensar o proseio, intercâmbio de narrativas em movimento entre ou desde os biomas. Cabe assim rever a indicação demarcada pelo IBGE em 1969 quanto ao reconhecimento de que sertão é oficialmente uma sub-região do Nordeste brasileiro com ênfase nas áreas de dominância do clima semiárido. Que a seja, também! Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2011) nos tem chamado a atenção para a



compreensão de que o termo foi timbrado pelos discursos regionalistas, e de que ao sertão associam-se temas como a seca, a caatinga, o cangaço, o messianismo, o coronelismo. O filme *Auto da Compadecida 2*, lançado em fins de 2024, e com grande alcance midiático, lamentavelmente, reforça tais categorias estereotipadas.

Para além dos determinantes do IBGE, e do que se constituiu como típico do sertão localizado, opta-se por um sertão de identidade fluidas, *transbiomáticas*, em que as raízes de ipês, pequizeiros, jacarandás, buritis, cagaiteiras, cajuzinhos-do-cerrado cruzem ou se entrelacem a umbuzeiros, pitombeiras, mandacarus, cabeças-de-frade, catingueiras, aroeiras, juazeiros, paus-pereira, juremas... Ao sertão: os deslocamentos, a experiência da crise — inclusive existencial —, a aceitação de sua corporeidade indomável e poética, mas também dialogal, aberta à disputa e a quem se dispõe habitá-lo reconhecendo suas contradições. Fronteiras se dispõem como zonas de intensidade de entrada e saída. Qualquer conceituação quanto o que seja sertão não pode esgotá-lo; nem mesmo o que aqui se escreve.

4. Sertanias: Poéticas do Entre, da Criação e do Proseio

Ao descrever as aulas-proseios da disciplina Sertanias diz-se da experimentação e intercâmbios. O "entre" como aquilo que pode ser percebido com experiência de intersecção de fluxos, ideias, subjetividades, sem ter como fim um destino ou ponto fixo que venha a fechar uma problematização. O "proseio" sublinha o encontro de vozes que constituiu a experiência sertano-polifônica da disciplina.

A primeira edição da disciplina Sertanias foi organizada em encontros semanais denominados *sertania*, cada qual envolvendo uma "aula-proseio" — momento de diálogo temático com convidadas(os) cujas trajetórias acadêmicas, artísticas e/ou ativistas se relacionam a *sertão* ou com



pesquisas que expandem esse conceito. Participaram nesta edição 21 pessoas, entre estudantes regulares, especiais e ouvintes no PPPGACV/UFG. Como atividade final, as pessoas participantes poderiam gerar em forma de texto ou de produção artística uma reflexão que pudesse ou não articular as pesquisas individuais com a disciplina.

4.1 As Sertanias

Sertania 1 – 29 de agosto de 2024

Introdução à disciplina, apresentação do plano de ensino e reflexões iniciais sobre a palavra "sertão". Contextualização do conceito de "sertão" e dos objetivos do componente curricular.

Sertania 2 – 5 de setembro de 2024

Convidado: Rainer Miranda de Brito — Professor, violeiro e antropólogo. Leciona na UNIVASF (campus de São Raimundo Nonato, PI – Serra da Capivara), no colegiado de Antropologia. Doutor em Antropologia pela UFSCar.

Aula-Proseio: *Diálogo musical (fictício) entre o semiárido do Piauí e a figura do 'nordeste mouro'*

A experiência de Rainer como violeiro e antropólogo, vinculado à região do semiárido piauiense, traz uma perspectiva etnomusical e etnográfica do sertão.

Sertania 3 – 12 de setembro de 2024

Convidado: Sillvio Lúcio Nóbrega Ferreira Silva — Maracanaú (CE), ativista e fundador do Instituto Brasileiro de Transmasculinidades (IBRAT). Homem trans, 60 anos, artesão, jardineiro e graduado em Letras. Pai de Théo e militante dos direitos humanos. Protagonista do documentário *Olhe para mim de novo* (2011), dirigido por Kiko Goifman e Claudia Priscilla.

Aula-Proseio: (sem título específico indicado pelo convidado)



A militância de Sillvio em questões identitárias, gênero e direitos humanos amplia o debate sobre o sertão, trazendo novas perspectivas sobre territorialidades e subjetividades.

Sertania 4 – 19 de setembro de 2024

Parte 1 (14h10–15h40)

Convidado: Odinaldo Costa — Artista visual, fotógrafo e professor no curso de Artes Visuais (bacharelado) da FAV/UFG. Pesquisa questões como corpo, intimidade, infância e pertencimento, associando-as ao imaginário do sertão.

Aula-Proseio: *Entre o exílio e o mar azul*

A produção de Odinaldo transita entre experiências de infância em paisagens do agreste paraibano e reflexões sobre exílio e identidade, enriquecendo o debate sobre memórias e geografias afetivas.

Parte 2 (16h–17h40)

Convidada: Lucélia Maciel — Atua como assistente de arte no *Sertão Negro* (em Goiânia). Graduada em Artes Visuais e Matemática. Sua pesquisa e poética artística são ancoradas em memórias de infância no interior da Bahia, utilizando a lamparina como metáfora para refletir sobre desigualdades étnicas, sociais e de gênero.

Aula-Proseio: *Alumiação*

A abordagem de Lucélia relaciona memória, raça, gênero e pertencimento, revisitando vivências do sertão baiano, atualizando-as artisticamente no presente.

Sertania 5 – 26 de setembro de 2024

Convidado: Iraildo Alves de Brito — Jornalista, poeta, pesquisador da comunicação e membro da Pia Sociedade de São Paulo (Paulus). Doutor em Semiótica e Comunicação pela PUC/SP. Especialista na obra de Patativa do Assaré.

Aula-Proseio: *O encantamento da palavra e a transformação do mundo*



A pesquisa de Iraildo relaciona poesia, religiosidade e crítica social, dialogando com a potência poética do sertão, especialmente no contexto da obra de Patativa do Assaré.

Sertania 6 – 3 de outubro de 2024

Convidado: Vinícius Victor Araújo Barros — Pesquisador de Letras e professor de literatura. Doutor em Letras pela UFG, com pesquisas sobre Guimarães Rosa (*Grande Sertão: Veredas*) e Antonio Candido.

Aula-Proseio: *O homem, a terra e as guerras: estéticas de Grande Sertão: Veredas*

Vinícius investiga o sertão rosiano sob uma perspectiva ética e estética, explorando suas representações e dimensões filosóficas.

Sertania 7 – 10 de outubro de 2024

Convidada: Jossefrânia Vieira Martins — Historiadora, docente no Instituto Federal do Rio Grande do Norte. Doutora em História pela UFRRJ.

Aula-Proseio: *Suassuna(s) e o sertão: memória e história no romance do Rei Degolado*

A relação de pertencimento ao sertão na literatura de Ariano Suassuna é, em grande parte, fundamentada em uma memória afetiva e política, atravessada pelos eventos que culminaram na Revolução de 1930 e na morte de seu pai. Suassuna elabora, assim, um olhar sobre identidade e cultura brasileira ancorado na tradição e no retorno a um passado idealizado. No romance *O Romance d'A Pedra do Reino*, essa fusão de memória e tradição constrói um sertão mítico, onde o conceito de "reino" remete ao espaço encantado da infância e à homenagem paterna. Esse sertão, embora enraizado em referências populares, reforça um discurso eurocêntrico, evidenciando sua filiação às tradições culturais europeias.

Sertania 8 – 17 de outubro de 2024

Parte 1

Convidado: João Batista de Lima — Historiador, educador e descendente conselheirista de Canudos. Possui mestrado em Crítica Cultural



pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Pesquisa turismo histórico-cultural e integra o Instituto Popular Memorial de Canudos, além de atuar em grupos de leitura e pesquisa sobre memória urbana (CMURB/UNIFESP).

Aula-Proseio: Confluência de Canudos: imagens e confrontos

A trajetória de João Batista, tanto como descendente conselheirista quanto como pesquisador, oferece perspectivas sobre a história e a simbologia de Canudos. Sua abordagem contribui para os estudos sobre conflitos e resistências sertanejas, ampliando o debate sobre as marcas históricas que compõem o sertão.

Parte 2

Convidada: Profa. Carla Damião Milani — Filósofa e arqueóloga, graduada em Filosofia pela PUC-SP, com mestrado e doutorado pela Unicamp. Realizou estágio na Universidade Livre de Berlim e atualmente é docente no curso de Filosofia da UFG.

Aula-Proseio: Pedras pintadas – as experiências arqueológicas nos sítios de Palestina de Goiás

A pesquisa de Carla explora a intersecção entre arqueologia, filosofia e história, destacando as vivências arqueológicas no sertão goiano e atualizando a noção de patrimônio e paisagem na região.

Sertania 10 – 6 de novembro de 2024

Parte 1

Convidada: Cláudia Vasconcelos — Arte-historiadora e pesquisadora das expressões artísticas e culturais dos sertões, com ênfase em brasilidades, arte negra e indígena. Doutora em Estudos de Cultura, licenciada em História pela Universidade do Estado da Bahia. Autora de *Sertão baiano: o lugar da sertanidade na configuração da identidade baiana* (EDUFBA, 2011) e *Gonzagão e Gonzaguinha: gingados sonoros de brasilidades insubmissas* (EDUFBA/EDUNEB, 2024). Professora de História na UNEB, câmpus de Jacobina, e coordenadora de projetos sobre artes, saberes e histórias dos sertões indígenas e afro-brasileiros.



Aula-Proseio: *Sertanidades e brasilidades: a captura do sentido de Sertão pelo Nordeste*

O trabalho de Cláudia reflete sobre as noções de sertanidade e suas múltiplas narrativas, especialmente na construção das identidades afro-indígenas sertanejas. Sua pesquisa oferece uma leitura crítica sobre o modo como o conceito de sertão foi apropriado e reconfigurado pelo discurso nordestino.

Parte 2

Convidada: Vânia Vasconcelos — Historiadora feminista e pesquisadora nos Estudos de Gênero. Doutora em História pela UFF, com estágio na Universitat Rovira i Virgili (Espanha) e pós-doutora pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (Portugal). Professora titular da UNEB, coordenadora do projeto de extensão sobre gênero, raça, sexualidades e educação. Pesquisa feminismos e sertanidades, com ênfase na insurgência feminina em territórios não centrais.

Aula-Proseio: *Sertanidades insurgentes: invenções de feminismos em territorialidades não centrais*

Vânia contribui com uma abordagem que articula feminismos e práticas de resistência em contextos sertanejos, examinando como as mulheres constroem estratégias de luta e pertencimento fora dos grandes centros urbanos.

Sertania 11 – 7 de novembro de 2024

Elinaldo Meira — Professor e artista visual. Aula-Proseio: *Paulistânia: uai, ocê é caipira?* Autor e organizador da disciplina, Elinaldo reflete sobre a noção de *Paulistânia*, explorando as construções identitárias do caipira e os diálogos entre São Paulo e Goiás.

Sertania 12 – 14 de novembro de 2024

Convidadas: Flávia Lima e Joyce Oliveira — Docentes no Cepae/UFG.

Joyce de Oliveira: Pedagoga pela UNIMONTES, mestre e doutora em Geografia pela UFU. Suas pesquisas, orientadas pelo Prof. Carlos Rodrigues



Brandão, exploram a memória e a ecologia humana no contexto do rio São Francisco e da literatura regionalista. Flávia Lima: Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), mestra em Extensão Rural (UFV), e doutora em Recursos Naturais do Cerrado (UEG). Atua no ensino de Ciências nos anos iniciais e desenvolve projetos de Ecologia e Biologia da Conservação.

Aula-Proseio: *Sertanias do São Francisco e do Cerrado: histórias que as pessoas e a ciência contam*

As pesquisas de Joyce e Flávia articulam ciências biológicas, educação e memória, abordando o sertão em sua dimensão ecológica e cultural. Suas contribuições permitem pensar as relações entre natureza, história e saberes locais.

Sertania 13 – 21 de novembro de 2024

Convidado: Darlan de Lima — Arquiteto, mestre em Construção e Reabilitação Sustentáveis pela Universidade do Minho, Portugal. Doutorando e pesquisador do Lab2PT (Laboratório de Paisagens, Patrimônio e Território da Universidade do Minho), integrante do Grupo de Estudos LandS (Paisagens e Sociedades).

Aula-Proseio: (Im)permanência das tradições construtivas *na região Sertão do Nordeste*

A pesquisa de Darlan examina a arquitetura vernacular e a sustentabilidade no sertão nordestino, analisando as formas tradicionais de construção e suas transformações ao longo do tempo.

Sertania 14 – 5 de dezembro de 2024

Convidado: Rafael de Almeida — Cineasta e artista visual. Doutor em Multimeios pela Unicamp, com estágio na Universidad Complutense de Madrid, e pós-doutor pelo PPGACV/UEG. Professor do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás (UEG).

Aula-Proseio: *Sertão inventado: fabulação crítica e as ficções da memória*



A experiência de Rafael na área do cinema e artes visuais, aliada a sua formação em Multimeios, permite uma abordagem crítica sobre as representações do sertão na cultura visual. Seu trabalho discute a memória e os processos de fabulação nas narrativas audiovisuais, na fotografia, na invenção de paisagens; faz uso de aplicativos de inteligência artificial conjugada a referências de imagens pessoais e familiares.

5. Considerações Finais

A trajetória como pesquisador-artista foi construída em meio a deslocamentos geográficos e culturais, e se entrelaçam às minhas vivências corpóreo-afetivas. Sou um baiano caatingueiro de uma cidade com sede às margens da BR-116, crescido na periferia de Osasco, que viveu por mais de 20 anos intercalados no interior paulista, que retornou à capital paulista como morador, que revisitou as terras de nascença no sudoeste da Bahia já adulto, que percorreu e percorre os interiores do semiárido e agreste nordestinos desde 2011 e, por fim, chegou a Goiânia. Cada um destes percursos revelou configurações de pertencas distintas, configurando modos de ser e estar no mundo, nutrindo uma percepção da identidade como fluxo, como movimento constante entre territórios, memórias e experiências.

No decorrer deste artigo expus um processo de deslocamento que não se restringe ao espaço físico, mas que, tanto quanto, no simbólico e epistemológico. A relação com as culturas periféricas, caipiras, o reconhecimento da origem baiana, e a chegada a Goiânia demonstram como a identidade não se sustenta em solo fixo. Esta dinâmica diz de *transbiomas*, palavra que emerge em meio a esta reflexão para contar das experiências identitárias com as ecologias dos lugares de morada e vivência não delimitadas por um determinado espaço ou categoria cultural; o sertão, insere-se neste debate como experiência em devir, conceito rizomático que se refaz no/do encontro com outras vozes e lugares.



Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Quando a gente não espera, o sertão vem: Grande Sertão: Veredas, uma interpretação da história do Brasil e de outros espaços. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 11, n. 18, p. 195-205, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/7313>. Acesso em: 25 jan. 2025.

AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. São Paulo: Hucitec, 1976.

ANDRADE, Mário de. **O turista aprendiz**. São Paulo: Duas Cidades; Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1976.

ARANTES, Antonio Augusto. **Cultura popular**. São Paulo: Brasiliense, 1984. (Coleção Primeiros Passos).

AUTO da Compadecida 2. Direção: Guel Arraes; Flávia Lacerda. Roteiro: Guel Arraes, João Falcão, Adriana Falcão, Jorge Furtado. Produção: Conspiração Filmes, H2O Films. Brasil: 2024. 1 filme (114 min.), son., color.

AYALA, Marcos; AYALA, Maria Ignez Novais. **Cultura popular no Brasil: perspectiva de análise**. São Paulo: Ática, 1987. (Série Princípios).

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2017.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Cavalcadas de Pirenópolis**: um estudo sobre representações de cristãos e mouros em Goiás. Goiânia: Oriente, 1974.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Fé e festa**: pajelança e folia no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1980.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é folclore**. São Paulo: Brasiliense, 1984. (Coleção Primeiros Passos).



CALDAS, Waldenyr. **Acorde na aurora**: música sertaneja e indústria cultural. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

CANDIDO, Antonio. **Parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

CASEY, Edward S. Between geography and philosophy: what does it mean to be in the place-world? **Annals of the Association of American Geographers**, v. 91, n. 4, p. 683-693, 2001a. Disponível em: http://escasey.com/Article/Between_Geography_and_Philosophy_What_Do.pdf. Acesso em: 2 jan. 2025.

CASEY, Edward S. Body, self and landscape: a geophilosophical inquiry into the place-world. In: ADAMS, P.; HOELSCHER, S.; TILL, K. (orgs.). **Textures of place: exploring humanist geographies**. Minnesota: University of Minnesota Press, 2001b. p. 403-419. Disponível em: https://escasey.com/Article/Body_Self_and_Landscape_A_Geophilosophic.pdf. Acesso em: 20 jan. 2025.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução: Bernardo Leitão, Irene Ferreira e Suzana Ferreira Borges. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

OLHE pra mim de novo. Direção: Kiko Goifman, Claudia Priscilla. Brasil: 2011. 1 filme (77 min.), son., color. Documentário.

PESSOA, Fernando. **Fernando Pessoa: poesia completa de Alberto Caeiro**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. (p. 293).

SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos**: ensaios sobre dependência cultural. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.



SANT'ANNA, Romildo. **A moda é viola**: ensaio do cantar caipira. São Paulo: Arte & Ciência; Marília, SP: Editora Unimar, 2000.

SUASSUNA, Ariano. **Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta**. 5ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

VASCONCELOS, Cláudia Pereira. **Ser-tão baiano**: o lugar da sertanidade na configuração da identidade baiana. Salvador: Edufba, 2011.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**: a literatura medieval. Tradução: Amálio Pinheiro e Jerusa de Carvalho Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.